



A INSERÇÃO DO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL NAS CAPAS DO CORREIO DA MANHÃ DURANTE A REVOLTA DA VACINA

Larissa Infante Hecht¹

RESUMO: Este artigo expressa resultados parciais de uma pesquisa em andamento que pretende analisar de que forma o jornalismo de agências era inserido nas capas do Correio da Manhã durante os meses que antecederam a Revolta da Vacina. O artigo analisa reportagens publicadas no periódico entre 1º de julho a 10 de novembro de 1904, quando eclodiu a Revolta. Trata-se de entender de que modo o periódico utilizava os fatos internacionais, especialmente em um período em que dedicar a primeira página ao estrangeiro era sinal de respeitabilidade do veículo, bem como os modos pelos quais grandes acontecimentos nacionais, como a Revolta da Vacina, afetavam esta inserção.

PALAVRAS-CHAVE: *Correio da Manhã. Jornalismo internacional. Agências de notícias. Revolta da Vacina. Telégrafos.*

ABSTRACT: This article expresses partial results of an ongoing research that intends to analyze how agency journalism was inserted on the covers of Correio da Manhã during the months that preceded the Vaccine Revolt. The article analyzes reports published in the periodical between July 1st and November 10th, 1904, when the Revolt broke out. It is about understanding how the journal used international news, especially in a period when dedicating the first page to foreign news was a sign of the vehicle's respectability, as well as the ways in which important national events, such as the Vaccine Revolt, affected this insertion.

KEYWORDS: *Correio da Manhã. International journalism. News agencies. Vaccine Revolt. Telegraphs.*

¹ Mestranda do Curso de Mídia e Cotidiano na Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF). Graduada em Jornalismo pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). E-mail: lainfante@id.uff.br.

Introdução

O presente trabalho expressa resultados parciais de uma pesquisa em andamento que pretende analisar de que forma o jornalismo de agências era inserido nas capas do *Correio da Manhã* durante os meses que antecederam a Revolta da Vacina, iniciada em novembro de 1904. Nossa hipótese inicial é a de que, por ser um jornal popular e oposicionista (SODRÉ, 1999), as pautas políticas, nacionais e cotidianas ocupavam quase sempre as capas do periódico, o que era uma inovação para a época. O período escolhido vai de 1º de julho ao dia em que eclode a Revolta, em 10 de novembro de 1904.

Como define Aguiar (2008a), em uma época em que dedicar a primeira página aos fatos internacionais era sinal de respeitabilidade do veículo, é interessante analisar o modo como os jornais se portavam em relação à coluna de acontecimentos estrangeiros, bem como de que forma um acontecimento de grandes proporções nacionais poderia mudar esta inserção. Nesse sentido, o *Correio da Manhã* foi escolhido por ser um dos jornais de maior circulação da época², com tom oposicionista e apelo popular.

Analisar estas matérias tanto ajuda a conhecer o cenário cultural, político e os modos de produção e consumo da época quanto, por outro lado, revelam a forma como os jornais se apropriavam dos fatos e em que medida as agências internacionais influenciavam em eventos e opiniões nacionais. Como defende Silverstone (2002), é justamente por ser tão presente e fundamental na vida cotidiana que a mídia deve ser estudada, entendendo suas dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas. Nessa perspectiva, o autor defende que a mídia contribui para o entendimento do mundo, da produção e da partilha de significados. “Precisamos compreender sua política: sua vulnerabilidade ao exercício do poder; sua dependência do trabalho de instituições e de indivíduos; e seu próprio poder de persuadir e de reclamar atenção e resposta.” (SILVERSTONE, 2002:43)

² De acordo com Barbosa (2013), em 1900, os cinco maiores jornais em circulação eram o Jornal do Brasil (1891), o Correio da Manhã (1901), a Gazeta de Notícias (1875), O Paiz (1884) e o Jornal do Commercio (1821). Juntos, chegaram a atingir 150 mil exemplares publicados.

No Brasil, ainda são poucos os autores que falam sobre agência de notícia e telegrafia nacional, especialmente com foco em análise de jornais impressos. Entre eles, podemos citar os historiadores Silva (2011) e Maciel (1998), o geógrafo Pasti (2013) e os jornalistas Matheus (2012 e 2014) e Aguiar (2008), este último dedicado à tradição do jornalismo internacional. Contudo, nenhum deles se volta à análise do *Correio da Manhã*.

FERROVIAS, CABOS TELEGRÁFICOS E AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS NO BRASIL

Nascido oficialmente em 1808, data que marca a chegada da família real portuguesa no Brasil, os primeiros periódicos eram publicados em forma de newsletter e boletins informativos sobre negócios e economia estrangeiros. Isso devido, em grande parte, à necessidade de gerenciar negócios domésticos por parte de uma burguesia ascendente. (AGUIAR, 2008a:2).

Segundo Pasti (2013), esse momento possibilitou o surgimento de uma infraestrutura de circulação do capital, transportando informações como mercadorias que, por sua vez, seriam utilizadas como insumo na produção capitalista. Para isso, essas informações são transformadas em mercadorias, passando por processos de generalização, padronização e simplificação. Quanto ao modelo organizacional, Mattelart (1994:36) cita que, de 1875 até 1914, o planeta entrou no período que o historiador Eric Hobsbawm chamou de “era dos impérios”. Esse período consolidou ainda mais a distância entre o *mundo desenvolvido* e o que, mais tarde, seria chamado de *terceiro mundo* (atualmente denominados norte e sul global, respectivamente).

Para Mattelart (1996), o fluxo de comunicação na era dos impérios tem uma configuração centrípeta, marcado por diversos pontos de partida, mas por pontos de chegada concentrados em poucos países. Assim, Mattelart (1996) argumenta que muitas redes ferroviárias e sistemas de telegrafia foram implementados nos territórios coloniais por meio da ‘via de penetração’, de forma estratégica militar e economicamente, de

modo fragmentada e por meio do capital privado. “A supremacia ferroviária rima com o monopólio sobre os cabos e os fios.” (MATTELART, 1996:215)

No Brasil, a instalação da rede telegráfica começou por iniciativa estatal, mas logo passou a incorporar concessões privadas, especialmente de capital inglês. Como mostra Matheus (2014), o primeiro telégrafo instalado no Brasil foi em 1809, em versão óptica, ligando Cabo Frio à Corte. A Repartição Geral dos Telégrafos (RGT), ligada ao Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, era o órgão responsável por implementar e regular as concessões nacionais. Somente em 1852 começaram a ser instaladas as linhas do telégrafo elétrico, integrando bandeiras no Morro do Castelo.

Contudo, grande parte do fluxo telegráfico brasileiro ficava a cargo de empresas londrinas. Em 1851, foi inaugurado o primeiro cabo submarino inglês que atravessa o canal da Mancha. Já em 1886, a Inglaterra adquire uma frota de barcos para transporte e instalação de cabos submarinos ao redor do mundo, a *Great Eastern*. Em 1910, a Inglaterra já concentrava a metade das redes submarinas do mundo, equivalente a 260 mil quilômetros. (MATTELART, 1994:39)

A primeira estação internacional de telégrafo foi inaugurada em 1874 no Brasil, conectando Recife a Carcavellos, em Portugal. Apesar do nome, a concessão pertencia à empresa inglesa *Brazilian Submarine Telegraph Company*. Em 1886, a costa brasileira, de 7,4 mil quilômetros de extensão, já estava totalmente ligada por 182 estações telegráficas. Essa rede ficava a cargo da *Western Telegraph Company*, operadora inglesa proprietária das principais linhas costeiras na América Latina. (MATHEUS, 2014:5)

Somente após o início das transmissões continentais é que as agências de notícias se consolidariam no Brasil. Estas são marcadas por serem empresas especializadas em coletar informações dispersas, colocá-las nos moldes de notícias e distribuí-las para assinantes, em geral, veículos de imprensa que pagam para publicar o material recebido. Para Aguiar (2008:22), essas agências reúnem características como: a produção centralizada em larga escala, ininterrupta e com vistas para o mercado

consumidor. O processo pode ainda ser considerado fordista, pois homogeneiza as informações a nível global sem se preocupar com as demandas de clientes locais.

Pasti (2013) argumenta que, embora o papel das agências de notícias esteja oculto para o público em geral, é a partir de suas sedes, localizadas em países centrais, que estas agências comandam a circulação de informações, filtrando e pautando a vida política e cotidiana. Isso se dá por meio de algumas dimensões, como: o comando territorial dos fluxos de notícias e dos centros de decisão; a definição das pautas e da repercussão dos eventos; e a definição da forma e do conteúdo das pautas.

Por meio desta perspectiva, é interessante observar o contexto de surgimento das primeiras agências de notícias: a francesa Havas (1835) - principal atuante no Brasil - a alemã Wolff (1849) e a britânica Reuters (1851). Conhecida atualmente como Agence France-Presse, a Havas, primeira agência de notícias do mundo, surgiu em 1835. Sua origem está atrelada a Charles Havas, a partir de um escritório de traduções de boletins comerciais e jornais estrangeiros. Pasti (2013) mostra ainda que, desde sua gênese, a empresa tinha fortes ligações com o Estado francês, especialmente no que tange ao mercado financeiro.

360

Mattelart (1994:41) demonstra que a Havas sempre privilegiou as informações comerciais e financeiras, sendo que uma de suas principais funções era a capacidade de combinar informação e publicidade. Pasti (2013:62) expõe que essa atuação publicitária se dava, principalmente, por meio de três vias: a comercial, a governamental e a financeira, que privilegiava os negócios e setores bancários e econômicos.

Essas três agências chegaram a competir no início, mas logo perceberam a dificuldade em dar conta de todas as partes do globo. Com isso, em 1859, elas chegaram a um acordo para dividir o mundo em três zonas de atuação: o Império britânico, os Estados Unidos, o canal de Suez e grande parte da África ficariam à cargo da Reuters; o Império francês e o sudoeste da Europa ficariam em mãos da Havas; e o restante do Europa, Áustria-Hungria, Escandinávia e estados eslavos estariam sob o domínio da Wolff. (AGUIAR, 2008a:23) Cada agência passaria a ter o monopólio sobre a apuração e venda de assinaturas para a imprensa local em suas respectivas áreas de atuação.

No Brasil, a *Western Telegraph Company* fecharia um acordo preferencial com a agência Havas após o surgimento dos primeiros cabos intercontinentais. Em 1875, o território foi alvo de um acordo especial entre a Reuters e a Havas para exploração conjunta de notícias. O pacto durou apenas 16 anos e se encerrou em 1890, quando a Havas passou a ter domínio exclusivo da América do Sul.

O TELÉGRAFO E OS JORNAIS NA CORTE BRASILEIRA

Antes da instalação da Havas no Brasil, os jornais tinham por hábito publicar telegramas com avisos sobre movimentações marítimas e negociação de preços das mercadorias. Como mostra Matheus (2014:16), até 1870, eram essas notas sucintas que ocupavam a primeira páginas dos jornais, atendendo aos interesses de leitores comerciantes, investidores, setores financeiros e bancários e empresários. Era ainda comum que os acontecimentos de Londres e Lisboa figurassem mais nos jornais do que acontecimentos da região Norte do Brasil - não à toa, os fatos de Portugal quase sempre eram os primeiros nas colunas internacionais. As cidades nacionais que mais apareciam nos jornais eram aquelas mais interligadas por malhas ferroviárias e estradas, como Rio de Janeiro, Petrópolis e Outro Preto, por exemplo.

361

O *Jornal do Commercio* já publicava regularmente fatos estrangeiras antes de 1874. Contudo, elas chegavam por navio, em formato de cartas, acentuando o hiato entre a data do acontecimento e da publicação. Por vezes, essa correspondência era guardada para divulgação em um suplemento quinzenal. (MATHEUS, 2012:42) A Havas abriu sua sucursal no Rio de Janeiro em 1874 sob comando do francês Ruffier. Já em 1875, a *Gazeta de Notícias* passou a publicar diariamente os telegramas atualizados da agência. Por sua vez, o *Jornal do Commercio* aderiu à assinatura em 1º de agosto de 1877, quando foi instalado o primeiro cabo submarino ligando o país à Europa.

Essas notas internacionais eram quase sempre veiculadas na primeira coluna, da primeira página, à esquerda e na íntegra traduzida, já que este era o primeiro material a ficar pronto para o fechamento. O *Jornal do Commercio*, a *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Brasil* eram alguns dos periódicos da época que seguiam essa lógica, como

mostra Matheus (2012:42). Para a autora, um dos principais impactos da publicação dos telegramas foi a intensificação da rotina de atualização das informações, que conferiu maior velocidade e contorno narrativo às publicações diárias dos jornais. Para Thompson (2012:36), “o advento da telecomunicação trouxe *uma disjunção entre o espaço e o tempo*, no sentido de que o distanciamento espacial não mais implicava o distanciamento temporal”.

O *Correio da Manhã* passou a ter acesso ao conteúdo da Havas somente em 1902. Fundado em 15 de julho de 1901 pelo advogado gaúcho Edmundo Bittencourt, o periódico tinha sede na Rua do Ouvidor e apresentava formato *standard*, entre 4 a 8 páginas. O *Correio* buscava, desde sua fundação, ser um jornal de opinião, sem vínculos partidários, caracterizado pela ferrenha oposição ao governo e por pretender ser a voz das massas.

[O *Correio da Manhã*] quebrou a monótona uniformidade política das combinações de cúpula, dos conchaves de gabinete; levantou sempre os protestos das camadas populares, na fase histórica em que a participação da classe trabalhadora era mínima. Através desse caminho, vindo de baixo, portanto, é que se transformou, e depressa, em empresa jornalística. (SODRÉ, 1999:329)

362

Uma das principais estratégias do jornal era conquistar os leitores por meio de assuntos e linguagem populares, pautas cotidianas, ‘vindas de baixo’, firmando-se como um periódico de credibilidade. Assim, o *Correio da Manhã* “chamava a atenção para os movimentos operários em todo o mundo e para a ação coercitiva das leis brasileiras diante das reivindicações partidas das camadas mais pobres”. (LEAL, 2000). No dia 16 de dezembro de 1901, Edmundo Bittencourt anunciou, na primeira página, que:

Do dia 1 de janeiro em diante, o serviço telegráfico desta folha e as suas informações diárias sobre a vida universal vão ser da mais completa perfeição. Para isso, não haveremos de medir esforços ou sacrifícios: temos já correspondentes especiais nas mais importantes capitais do mundo e hoje, pelo *Cordillère*, quem escreve estas linhas parte para Buenos Aires, onde se demorará apenas o tempo necessário para estudar a organização dos grandes jornais platinos e contratar lá um serviço especial de informações sul-americanas. Um bom serviço telegráfico é a única coisa que até hoje tem faltado ao *Correio da*

Manhã. Ele vai tê-lo agora, e o mais completo. (CORREIO DA MANHÃ, 16/12/1901)³

Matheus (2012:43) mostra que anunciar a assinatura dos boletins noticiosos era um sinal de distinção e de modernização para os jornais. Como se nota pelo trecho acima, o *Correio da Manhã* buscou implantar um sistema telegráfico para acompanhar os outros periódicos da época. Até então, os telegramas publicados pelo Correio eram reproduzidos de outros jornais cariocas, como da *Gazeta de Notícias* e do *Jornal do Commercio*, ou de jornais europeus - especialmente dos londrinos - como o *The Standart*, o *The Daily Telegraph* e o *Daily Mail*⁴. Além disso, algumas informações estrangeiras chegavam por cartas ou eram reproduzidas de outros estados. Por mais que o Correio citasse que a informação era proveniente de um telegrama, era muito difícil saber, de fato, a origem da informação, já que as correspondências físicas também ganhavam esse nome muitas vezes, como demonstra Matheus (2012:43). Uma matéria publicada no dia 08 de novembro de 1904 ajuda a contextualizar a cobertura internacional dos periódicos cariocas:

Há nesta capital duas folhas que recebem exclusivamente o serviço telegráfico da Agência Havas. São *O Paiz* e o *Correio da Manhã*. A *Gazeta de Notícias* tem um correspondente especial em Roma; o *Jornal do Commercio* recebe, além da Havas, um serviço particular da Itália; o *Jornal do Brasil* ostenta também um espalhafatoso serviço inteiramente seu. (CORREIO DA MANHÃ, 08/11/1904)

Ainda que não tivesse uma assinatura em suas primeiras edições, o *Correio da Manhã* tinha uma sessão chamada “Telegrammas”. Contudo, além de reunir informações de outros jornais e revistas, não havia uma coluna fixa nem regularidade de publicação. Nos primeiros números, veiculados a partir de 15 de julho de 1901, os fatos estrangeiros ocupavam a segunda coluna da primeira página. Era muito comum também a publicação do ‘telegrama financeiro’, boletim que comunicava o câmbio, entradas e

³ Grafia atualizada conforme gramática atual.

⁴ Foram estudados de forma sistemática dezenas de exemplares do *Correio da Manhã*.

saídas de navios, o preço do café e de outras commodities. Contudo, essa seção seria deslocada para a quarta página já nas primeiras tiragens.

Um aspecto de diferenciação do *Correio da Manhã* é que, desde sua segunda impressão, o jornal passou a publicar pautas populares e críticas ao governo, como os protestos contra o aumento das passagens do bonde da Companhia de São Cristóvão, gerando engajamento com a nova camada de leitores. Com isso, o periódico foi deslocando a coluna internacional até que, já na edição de número 40 (24/07/1901), ela passou definitivamente para a segunda página.

A partir da contratação do sistema de notícias internacionais, em 1902, a regularidade de publicação da coluna internacional passou a ser diária, ocupando sempre as três ou quatro primeiras colunas da segunda página. Em geral, as novidades da Inglaterra eram as primeiras a aparecerem, seguidas pelo resto da Europa e, por último, da América Latina. Os acontecimentos nacionais raramente apareciam nessa coluna. Somente os fatos nacionais e internacionais que mais se destacavam iam parar na primeira página, ganhando um desdobramento em forma de matéria jornalística. Um dos principais critérios era o ocorrido ter relação com o governo brasileiro:

364

Quando há alguns meses detidamente me ocupei das operações financeiras que o governo entendera realizar por intermédio de um agente especial seu, em Londres, adquirindo as estradas de ferro garantidas, procurei demonstrar as desvantagens dessas negociações, em que os interesses da União sofreram uma lesão enorme. Apenas três contratos eram conhecidos, o da Bahia a São Francisco, inclusive o ramal do Timbó, o do Recife a São Francisco e o da Great Western. Todos esses contratos foram rigorosamente analisados, e na imprensa, em conferências públicas, na tribuna parlamentar, ficou plenamente evidenciado o desastre das transações concluídas pelo governo e as vantagens auferidas pelos acionistas, cujos títulos se viram cotados, em poucos dias, com uma alta de 100, 150 e até 200, em consequência das operações entabuladas ou realizadas. (CORREIO DA MANHÃ, 05/01/1902)

A matéria acima, publicada na primeira coluna da primeira página, sob o título de ‘Novas Encapações’, denuncia as negociações entre o governo brasileiro e o londrino nas concessões de estradas de ferro, garantindo o valor da exploração dessas

ferrovias para os ingleses. Trazer para a primeira página os fatos internacionais que criticavam o governo era uma estratégia tanto de aproximação das massas quanto de oposicionismo, seguindo a linha editorial do *Correio da Manhã*.

A partir da edição 370 (19/06/1902), a coluna ‘Telegrammas’ passa a se chamar ‘No Estrangeiro (Pelo telégrafo)’. Somente na edição 708 (20/05/1903) ela começa a ganhar um novo formato. A seção ‘Pelo Telégrafo’ passa a ser publicada em duas colunas, sempre na segunda página e, esporadicamente, na terceira. Além disso, o padrão dessa coluna passa a ser: fatos de Portugal, nacionais (das principais capitais) e, por último, internacionais. Contudo, isso não significa que os acontecimentos internacionais, recebidos pelo telégrafo, não iam parar na primeira página. Pelo contrário, os de maior destaque eram publicadas nas capas do Correio:

A viagem dos reis de Portugal. Destacamos do nosso serviço especial: LISBOA, 4 - Não faltam comentários e suposições de toda a espécie sobre a viagem do rei d. Carlos e da rainha d. Amélia a Londres. Os jornais procuram descrever a viagem e os preparativos de recepção e todos eles dizem que a viagem dos soberanos far-se-á por terra, em comboio especial até Cheburgo, onde suas majestades tomarão lugar a bordo do iate *D. Amélia*, que será escoltado pelos cruzadores *D. Carlos* e *S. Raphael*. (CORREIO DA MANHÃ, 05/10/1904)

Tragédia horrorosa em Lisboa - Do serviço telegráfico d’A Notícia, de ontem à tarde, destacamos o seguinte despacho: LISBOA, 22 - A população desta cidade causou verdadeira emoção uma horrorosa tragédia aqui ocorrida na madrugada de hoje, que teve como protagonista o dr. Silva Martins, conhecido advogado na cidade de Porto Alegre que, num acesso de loucura furiosa, assassinou a machadadas a sua venerada progenitora. (CORREIO DA MANHÃ, 23/10/1904)

Como se nota nos trechos acima, os fatos que ganhavam destaque na primeira página, em geral, eram as de Portugal, envolvendo a realeza ou algum crime bárbaro que chamasse a atenção dos leitores. Era ainda comum que esses pequenos trechos ganhassem desdobramentos em forma de reportagens e crônicas, segundo sua repercussão:

O gentio africano contra as armas portuguesas. O doloroso revés do cubango. Uma emboscada. Ecoou, como a notícia de um trágico luto nacional, em toda esta cidade e, a esta hora, nos mais remotos recantos

do Brasil, o telegrama publicado ontem por nós e toda a imprensa de manhã, sobre a tremenda emboscada de que foi vítima o destacamento português comandado pelo capitão Aguiar, nos ínvios sertões africanos entre os rios Cunene e Cubango. (CORREIO DA MANHÃ, 07/10/1904)

O trecho acima narra um levante em Angola contra o governo português. Publicado pela primeira vez em forma de nota na coluna ‘Pelo Telégrafo’, o ocorrido ganhou um desdobramento próprio na última coluna da capa no dia 07 de outubro - único acontecimento internacional de capa do dia. Já no dia 13 do mesmo mês, o tema ganhou lugar na primeira coluna da capa, dada sua repercussão. A título de comparação, no mesmo dia 07 de outubro, a *Gazeta de Notícias* ocupou as três primeiras colunas da capa com notas internacionais, cobrindo o tema por meio da reprodução de um telegrama da Havas. O mesmo ocorre no *Jornal do Commercio*. Neste, contudo, a reprodução dos fatos internacionais ocupa as seis primeiras colunas.

Importante notar que, apesar de destacar trechos, filtrar, selecionar e criar desdobramentos, neste caso a reprodução da difusão simbólica da Havas para a periferia se mantém no jornal - contra Angola e a favor de Portugal. A inovação do Correio da Manhã estava na organização do material recebido: a priorização de acontecimentos nacionais, de pautas populares e de assuntos antigovernamentais em suas capas, destacando trechos internacionais de interesse. Os valores do centro dominante continuavam chegando às casas da população, porém com a mediação do periódico.

366

Em muitas ocasiões, o *Correio da Manhã* se apropriava de notas telegráficas para criticar o governo, defender uma posição ou convencer a população de um ponto de vista. Como mostra Mattelart (1996:218), não se deve esquecer “os caminhos erráticos seguidos por cada nação na implantação e no uso das suas redes, para além ou apesar da dependência”.

Aguiar (2008) argumenta que, muitas vezes, as notas internacionais são produzidas de forma distanciada, destinadas a um público iletrado e sem contextualização dos fatos. Como são fornecidas por veículos estrangeiros, que não têm preocupação em suplementar os fatos e criar comparações com a realidade brasileira,

cabe aos redatores e editores o papel de traduzir as informações para o cotidiano nacional.

O CORREIO DA MANHÃ, A REVOLTA DA VACINA E AS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

No dia 10 de novembro de 1904, teve início no Rio de Janeiro a Revolta da Vacina, evento que duraria apenas seis dias, mas que terminaria com um saldo de 945 prisões, 461 deportados, 110 feridos, 30 mortos e com a revogação da lei, apesar da vitória do governo nas ruas. Contudo, a Revolta não foi apenas devido à insatisfação popular contra o imunizante. Como mostra Nicolau Sevcenko (1999), em 1892, o Rio de Janeiro abrigava casas superlotadas, insalubres e sem ventilação, além de ser foco endêmico de doenças como febre amarela, impaludismo, varíola, peste bubônica, tuberculose, entre outras.

Quando assumiu a presidência em 1902, Rodrigues Alves priorizou a remodelação do porto e o saneamento da cidade, de forma a apresentar uma imagem positiva do Brasil aos credores estrangeiros, garantindo recursos para a cafeicultura (SEVCENKO, 1984:42). Com isso, expulsou as classes mais pobres para as periferias, demoliu prédios e começou a campanha de vacinação em massa para acabar com as epidemias. Em 8 de março de 1904, foi regulamentado o Código Sanitário, conferindo plenos poderes a Oswaldo Cruz para vistoriar casas e estabelecimentos.

Mesmo que a lei de obrigatoriedade da vacina só tenha sido instituída em 10 de janeiro de 1904, “é possível que a população, nos meses anteriores a novembro de 1904, estivesse vivenciando uma espécie de lei não-declarada de vacinação obrigatória”. (CHALHOUB, 1996:162). Conforme pontua Sevcenko (1984), algumas das razões que ajudam a explicar a resistência ao imunizante são: a precarização da vida da população, devido às reformas urbanas; a aplicação das vacinas de modo violento, expondo partes íntimas dos corpos das mulheres; a desconfiança a respeito dos vacinadores, suas técnicas e lancetas que, por vezes, causavam contaminação por estarem enferrujadas; e

o medo da transmissão de outras doenças, como tuberculose, sífilis e erisipela, além de doenças de quadrúpedes.

Diante da situação, alguns jornais começaram a apresentar oposição contra a medida, em especial o *Correio da Manhã*. O periódico não era desfavorável à imunização em si, mas contra sua oposição e obrigatoriedade. Como aponta Leal (2000), o jornal era contra, especialmente, as reformas urbanas de Rodrigues Alves, que afetavam de modo direto os setores mais desfavorecidos da sociedade que eram, em grande parte, a massa leitora do jornal.

Assim, o *Correio* foi um dos principais jornais oposicionistas das medidas que culminaram na Revolta da Vacina, iniciada em 10 de novembro de 1904. Dessa forma, a análise presente tem foco na forma como os telegramas e fatos internacionais eram inseridos nas capas do *Correio da Manhã*, especialmente durante os meses que antecederam a Revolta da Vacina, de 01 de julho a 10 de novembro de 1904. A análise se deteve de forma ainda mais minuciosa durante os meses de setembro e outubro de 1904. A busca das matérias foi feita pelo site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional por meio da palavra chave ‘telegraph’. Foram analisadas 132 capas para este trabalho.

368

Conforme demonstrado anteriormente, o *Correio da Manhã* filtrava e selecionava os fatos internacionais que entravam nas capas de acordo com sua linha editorial. Essas pautas quase sempre eram relacionadas com o contexto nacional, servindo para criticar o governo, informar sobre finanças nacionais ou confirmar alguma posição política do periódico. No caso das vacinas, por exemplo, eram reproduzidas notas e telegramas nacionais e internacionais que confirmavam a visão oposicionista do *Correio da Manhã*:

Os perigos da vacina. Retrato de uma vítima. Acha-se em exposição, à porta do *Correio da Manhã*, para que o público possa bem avaliar do que está arriscado com a vacinação obrigatória, o retrato de uma das muitas vítimas da vacina, publicado no suplemento do número de setembro deste ano, do periódico *The Liberator*. (CORREIO DA MANHÃ, 13/10/1904)

Uma das estratégias de aproximação com o público, no caso acima, foi convidar as pessoas para contemplarem a imagem real de uma vítima da vacina. Não houve somente a seleção e reprodução, mas também uma estratégia de apropriação do conteúdo para defesa do ponto de vista antivacinal do jornal.

Entre os dias 01 de setembro a 09 de novembro, o tema das vacinas ocupou 15 vezes a primeira coluna das capas. Contudo, o assunto saiu na primeira página 55 vezes. Já as pautas internacionais ocuparam a primeira coluna apenas quatro vezes e foram tema da primeira página em 38 edições. Os temas vacinais dominaram, em grande parte, as capas do período. Em sua maioria, eram crônicas e cartas sobre vacinas, além de telegramas com atualizações vacinais de outros estados.

Um aspecto curioso é que, durante estes meses de intensa cobertura vacinal, não houve grandes mudanças na divulgação internacional. Ao contrário, o padrão de publicação dos assuntos externos mais relevantes na capa se manteve, fossem eles relacionados às vacinas ou não, ainda que nem todos os dias houvesse notas internacionais na primeira página. Nos dias 31 de outubro e 07 de novembro, por exemplo, praticamente não houve divulgação sobre a obrigatoriedade das vacinas, deslocando a coluna ‘Pelo Telégrafo’ para a capa.

369

Alguns temas internacionais que ganharam destaque foram as eleições na Itália (1904), falecimentos na realeza europeia, a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) - destaque de capa 12 vezes no período analisado - homenagens à independência do México e ao aniversário dos reis de Portugal, crônicas sobre Portugal, empréstimos brasileiros em Londres. Quase todos os fatos estrangeiros publicados na primeira coluna têm relação direta com o Brasil ou com o governo, como a Revolução Acreana (1902-1903) e uma crônica sobre a imigração italiana para o Brasil. Outro tema que sempre figurava nas capas era o câmbio, servindo ao serviço financeiro.

Intervenção argentina e norte-americana. A 25 de maio, publicava *A Notícia* um telegrama de Lima, do qual constava correr ali, em todas diplomáticas, que os ministros dos Estados Unidos e da Argentina, acreditados juntos ao nosso governo, iam ‘insinuar de modo amistoso’, ao barão do Rio Branco, o desagrado que lhes causaria a continuação da política de violências, adotada pelo governo brasileiro

na questão de limites com a República do Peru. Publicando esse telegrama, acrescentava a folha da tarde: ‘É difícil prestar crédito àquela afirmação, que prudentemente se deve pôr de reserva’. (CORREIO DA MANHÃ, 30/07/1904)

Interessante notar que a prática de reproduzir telegramas de outros jornais ainda era muito comum, mesmo com a assinatura de um serviço de notícias internacionais. Outro ponto importante é o grande volume de acontecimentos nacionais recebidos pelo telégrafo que recebiam, muitas vezes, mais destaque do que as internacionais. A telegrafia era usada para cobertura política nacional, divulgação de mortes, tanto de pessoas públicas quanto de cidadãos do cotidiano, notícias sobre o congresso, críticas e crônicas e reflexões anti governo, incêndios e falta de água, debates sobre a qualidade do ensino público, crítica às finanças do governo, impostos em outros estados, entre outros temas.

Um telegrama do Recife comunica que o prefeito de Olinda, Gonçalves Ferreira Júnior, agrediu um negociante de nome Joaquim Christo. Além de agredido, este sr. Christo será provavelmente o crucificado na questão e o governador lavará as mãos como Pilatos. (CORREIO DA MANHÃ, 17/10/1904)

Telegrama de Teresópolis comunica que ali grassa a varíola com grande intensidade; acrescenta o dito despacho que faltam aí todos os recursos, inclusive médico. Apostamos, dez contra um, em como uma coisa lá não falta: vacina. (CORREIO DA MANHÃ, 20/10/1904)

Do nosso correspondente em Santa Catarina, recebemos o seguinte telegrama: FLORIANÓPOLIS, 23 - Para atender aos pedidos de socorro partidos do encouraçado *Deodoro*, arribado na Laguna, partiu, ontem, à noite, o *Itapemirim*, do Novo Lloyd, levando a seu bordo o capitão-tenente Francisco Agostinho de Souza Mello, capitão do porto. (CORREIO DA MANHÃ, 24/10/1904)

Do ponto de vista do cotidiano, como aponta Matheus (2012:47), há uma aceleração da narração diária: “o público passava a aceitar e a considerar digna do noticiário a vida comum, não apenas as histórias palacianas e a infinita reprodução de atas, decretos e discursos”, já que o telégrafo permite o acesso mais rápido aos acontecimentos, tornando o fluxo de informações quase instantâneo. Isso não quer dizer

que as cartas e outros meios de informação foram eliminados. Contudo, a telegrafia ajudou a acelerar o tempo cotidiano.

CONCLUSÃO

O presente trabalho, ainda em desenvolvimento, buscou analisar de que forma fatos internacionais eram inseridos no *Correio da Manhã*, especialmente durante os meses que antecederam a Revolta da Vacina. Sob o ponto de partida de que colunas internacionais podem ser ofuscadas durante eventos de grande repercussão nacional, foram analisadas algumas edições do periódico a fim de averiguar as inserções telegráficas em suas capas.

Uma das principais inovações do jornal consiste na priorização de fatos nacionais, de pautas populares e de assuntos antigovernamentais em suas capas, destacando trechos internacionais de interesse. Desde sua fundação, a coluna internacional ‘Pelo Telégrafo’ foi realocada para a segunda página, tendo destaque na primeira página apenas os fatos mais repercutidos e condizentes com a linha editorial do periódico. Jornal de oposição, o *Correio da Manhã* destacava especialmente acontecimentos oposicionistas que criticavam o governo, principalmente as financeiras e sanitárias.

371

Durante o período analisado, não houve grandes mudanças no padrão de publicação de notas estrangeiras. Ao contrário, o fato de priorizar apenas fatos relevantes na capa se manteve, dando especial destaque para fatos que se relacionavam com o Brasil. Além disso, as informações de Portugal ainda eram muito relevantes.

Era ainda comum a prática de filtrar e reproduzir notas de outros jornais, nacionais e internacionais, especialmente quando estas corroboravam com a visão do jornal, a exemplo da contrariedade da lei de vacinação obrigatória. Por fim, no *Correio da Manhã*, os acontecimentos nacionais transmitidos pelo telégrafo superavam, em grande medida, as internacionais.

Referências

- AGUIAR, Pedro. **Jornalismo internacional em redes**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.
- AGUIAR, Pedro. **Por uma história do jornalismo internacional no Brasil**. Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2008a, vol. 6.
- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, de 16 de dezembro de 1901 a 10 de novembro de 1904. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/08/2022.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, de 07 de outubro de 1904. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/08/2022.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, de 07 de outubro de 1904. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/08/2022.
- LEAL, Carlos Eduardo. Correio da Manhã. In.: **Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: CPDOC, FGV, 2000. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>. Acesso em: 15/08/2022.
- MATHEUS, Leticia C. **A imprensa e o desenvolvimento do sistema telegráfico brasileiro**. In.: XII Congresso Alaic, Peru, 2014. Disponível em: <https://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/vGT17-Leticia-Matheus.pdf>. Acesso em: 15/08/2022.
- MATHEUS, Leticia Cantarela. Questões sobre o marco histórico do telégrafo no jornalismo do século XIX (1870-1900). **Revista Brasileira de História da Mídia**, 2012, vol. 1, nº1.
- PASTI, André. **Notícias, informação e território: as agências transnacionais de notícias e a circulação de informações no território brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Geografia) –GEOPLAN, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2013.
- MATTELART, Armand. **Comunicação-Mundo: história das técnicas e das estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MATTELART, Armand. **A Invenção da Comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. 12a. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.